

## **OS DESAFIOS DA INTERVENÇÃO NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (RP): UM OLHAR PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL NO CONTEXTO DE ENSINO REMOTO**

Matheus Silva Barreto <sup>1</sup>  
Rita de Cassia Ribeiro de Souza <sup>2</sup>  
Ana Cláudia Soares Pinto <sup>3</sup>  
Tatiana Fernandes Sant'ana<sup>4</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho apresenta uma análise da atividade realizada enquanto bolsistas do programa Residência Pedagógica<sup>5</sup> (cota 2020/2022) do curso de Licenciatura Plena em Letras - Português (UEPB), orientado pela coordenadora de área Dr<sup>a</sup> Tatiana Fernandes Sant'ana e tendo como preceptora a professora Dr<sup>a</sup> Ana Cláudia Soares Pinto.

A princípio, tendo em vista as medidas de distanciamento social necessárias no combate à pandemia do COVID-19, os profissionais de ensino e os alunos precisaram ser imersos em um contexto remoto, cujo contato passou a acontecer através de plataformas digitais, por videoconferências, síncrona e assincronicamente.

Para a efetivação dessas atividades, o professor teve que se desdobrar e adaptar ao ensino em questão para desenvolvê-las com satisfação nesse novo cenário, ao passo que permanecesse favorecendo o processo de construção de conhecimento por parte dos(as) alunos(as), por consequência, o programa Residência Pedagógica também foi atingido. Em razão disso, as reflexões aqui expostas são resultantes de atividades remotas realizadas na modalidade virtual, de maneira síncrona.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras – Português/Campus I, da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, email: rita.souza@aluno.uepb.edu.br;

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Letras – Português/Campus I, da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, email: matheus.barreto@aluno.uepb.edu.br;

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB; professora da Secretaria de Educação/ Campina Grande, PB; preceptora do Programa de Residência Pedagógica (2020/2022); email: claudianas Pinto@gmail.com;

<sup>4</sup> Doutora em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba (PROLING); Professora do curso de Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/Campus I; email: [tatianasanta@servidor.uepb.edu.br](mailto:tatianasanta@servidor.uepb.edu.br);

<sup>5</sup> Programa de Formação de Professores, patrocinado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Acentuamos que, durante o período de regência, tivemos contato com um número reduzido de alunos por diversos motivos, dentre os quais o maior deles é a desigualdade social que atinge o país, resultando na realidade de muitos alunos que não possuem equipamentos ou acesso à internet. Infelizmente, por estar além do nosso domínio a mudança desse panorama, as atividades expostas com mais ênfase foram as pensadas e realizadas com os(as) alunos(as) que conseguiram se adaptar ao quadro do ensino virtual síncrono, muito embora também realizamos um trabalho com aqueles que acompanharam assincronicamente.

Nas próximas linhas, objetivamos expor e refletir como se deu o processo de produção textual do gênero cordel durante as aulas de língua portuguesa, dirigidas a alunos do ensino fundamental II, na escola municipal CEAI Dr. João Pereira de Assis, de Campina Grande-PB, e os desafios enfrentados nesse processo durante o período pandêmico, frisando a necessidade de atenção ao processo de reinvenção do trabalho docente durante as etapas de planificação e realização (AMIGUES, 2004). Além disso, nos baseamos nas contribuições de Koch e Elias (2015) acerca das estratégias para a apropriação e escrita dos gêneros textuais.

## **O QUE FIZERAM OS RESIDENTES EM SALA DE AULA?**

Selecionamos algumas vivências adquiridas e refletidas no primeiro momento de regência proposto pelo programa Residência Pedagógica (RP), o Módulo I, concernentes à realização das aulas do 3º bimestre do ano letivo de 2020, sob o gênero textual cordel.

Após os encontros de formação e discussão incitados pela coordenadora de área e a observação de aulas ministradas pela preceptora, iniciamos o módulo I com o processo de planificação (MACHADO, 2002, p. 41) das atividades pedagógicas; posteriormente, colocamos esse planejamento em prática em uma turma do 8º ano do ensino fundamental II. Para tanto, elaboramos uma sequência didática intitulada “Campina, *grande em Cultura*”, com foco para o gênero textual Cordel e pautada na temática de valorização da cultura local da cidade.

Como afirma Amigues (2004), o trabalho do professor é uma atividade instrumentada e direcionada, no qual são utilizadas ferramentas que “são frequentemente *transformadas* pelo professor” (p. 44, grifo do autor). Dessa forma, percebemos nitidamente as transformações durante as aulas que nós, residentes, atuamos. Se antes poderíamos ter a oportunidade de levar os alunos a uma aula de campo, explorando os bens culturais e materiais da cidade, nas aulas

temáticas síncronas apresentamos esses bens por meios de slides e solicitamos aos alunos que já conheciam esses locais que complementassem a discussão com suas informações.

Considerando a aula voltada ao gênero, escolhemos cordéis da poetisa campinense Anne Carolyne, objetivando proporcionar aos alunos um contato com uma artista local que exaltasse Campina Grande e incentivasse a familiarização e apreciação do gênero. Nas atividades que contemplaram essas exposições, usamos as contribuições de Koch e Elias (2015), quando frisam a necessidade de apresentar para os alunos situações de comunicação próximas de suas realidades e que essas sejam repletas de sentido.

Durante a planificação do trabalho, evidenciamos também a necessidade de atividades de reescrita, as quais seriam realizadas pelos alunos de maneira individual. Porém, nas atividades de produção textual em que a escrita de estrofes em sextilhas foi solicitada aos alunos, constatamos que eles se desviaram das características do gênero, principalmente quanto à estrutura das rimas e à repetição excessiva de vocábulos, o que nos estimulou a ideia de estendermos essa atividade a uma correção coletiva focando nos desvios mais recorrentes.

Durante esse processo coletivo de produção textual de forma síncrona, os discentes demonstraram compreender a necessidade da revisão textual e eles mesmos frisaram entusiasmados a diferença entre as primeiras produções das realizadas conjuntamente. Diante desse conjuntura, corroboramos com Sercundes (1997, p 89) que destaca a importância do processo de reescrita na produção textual “partindo do próprio texto, o aluno terá melhores condições de perceber que escrever é trabalho, é construção do conhecimento, estará, portanto, mais bem capacitado para compreender a linguagem”.

Abaixo, seguem duas versões de uma sextilha produzida por um aluno, facilmente identificável a evolução nas produções:

Primeira versão:

*O parque da criança  
Lá tem adulto e tem criança  
Muitas brincadeiras e festança  
Muita alegria e muita dança  
La vc encontra amigos e brinca com  
crianças  
Lugar ideal para sua criança!!*

Reescrita coletiva:

*Lugar que tem boas brincadeiras  
É o parque da criança  
Também tem muita gente  
Muita alegria e muita dança  
Lá você encontra amigos e brinca  
Local ideal para a sua esperança!*

Ao longo deste módulo (I), consideramos que a reescrita coletiva foi o momento mais desafiador e ao mesmo tempo estimulante em nossa regência, tendo em vista que nessa atividade revisamos de maneira esmiuçada as características básicas dos cordéis, a fim de que os alunos compreenderam de fato a proposta solicitada. Pontuamos que durante toda a atividade concedemos autonomia para que os(as) alunos(as) refizessem entre si as produções.

É importante lembrarmos, ainda, que adotamos uma forma de correção minuciosa do texto (grifando, sugerindo, apontando as problemáticas) aos alunos que tinham acesso apenas ao impresso. Feito isto, os resultados obtidos foram medianos; porém, procuramos não nos culpar, já que nem todos os alunos frequentavam as videoconferências sincronicamente, tornando difícil a nossa mediação para com esses.

A culminância deste módulo deu-se com a composição de um vídeo em que os alunos oralizaram e performatizaram suas produções. O vídeo também contou com a participação de discentes de outras turmas e foi compartilhado para toda a comunidade escolar e não escolar, podendo ser acessado através do link [https://drive.google.com/file/d/12mXUzrW5PedDmWzBS\\_PVAWC\\_xwTZ32-Z/view?resourcekey](https://drive.google.com/file/d/12mXUzrW5PedDmWzBS_PVAWC_xwTZ32-Z/view?resourcekey). Outrossim, disponibilizamos algumas das atividades em um E-book elaborado pelos residentes bolsistas da cota 2020/2022, ainda na etapa de edição.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em decorrência de todo o exposto, pudemos compreender na prática que o trabalho planejado (MACHADO, 2002), ou planejado, é extremamente importante para a organização do segmento das aulas, mas que dificilmente é idêntico ao trabalho realizado (MACHADO, 2002), o que realmente aconteceu, uma vez que a sala de aula é imprevisível e sugere que façamos modificações para melhor se adequar às necessidades dos alunos, diagnosticadas ao longo das aulas.

Pensando nisso, perante as vivências concebidas durante as aulas que ministramos, entendemos que esse processo de refazer os planejamentos é uma prática extremamente laboriosa e que demanda sensibilidade e dedicação por nossa parte. No entanto, cirúrgica e necessária para contemplar tudo aquilo que não foi alcançado, como ocorreu na aula mencionada.

Outra reflexão que podemos fazer, inseridos no contexto das aulas como mediadores do conhecimento, é que o desenvolvimento dos(as) alunos(as) (a curto ou longo prazo) nem sempre correspondeu aos nossos esforços na preparação e regência das aulas. Embora tenhamos elaborado um bom plano de aula e regido de forma contundente, percebemos que alguns alunos não acompanharam como desejávamos.

Amigues (2004) presume isso quando defende haver um paralelo discrepante entre ensino e aprendizagem, sintetizando que o professor pode fazer o possível e impossível, mas não quer dizer que o(a) aluno(a) estará apto(a) a aprender tudo. No período de regência, só conseguimos absorver isso, durante as discussões realizadas pós aulas regidas, momentos cruciais e significativos incitados pela coordenadora de área do programa RP.

Foram nesses momentos de partilha que internalizamos a ideia de que “o trabalho do professor não pode ser analisado, apenas, a partir do desempenho escolar dos alunos” (AMIGUES, 2004, p. 51). Alicerçados a isso, reconhecemos que o nosso agir foi suficiente para a aquisição do conhecimento por parte do(a) aluno(a) e o fato de alguns destes(as) não introjetaram, não foi carga total de culpa nossa, mas por diversos outros motivos adversos ao nosso controle enquanto regentes titulares da sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em linhas gerais, considerando essas experiências que tivemos no ensino remoto durante a regência do programa Residência Pedagógica, cota 2020/2022, muitas contribuições para a nossa formação inicial e continuada foram introduzidas no processo de construção de identidade docente, a qual estaremos por toda a vida seremos submetidos.

Embora tenhamos passado por alguns desafios, em virtude de diversas questões para além do nosso controle, ofertamos o melhor que pudemos na edificação do conhecimento do alunado de modo geral, ao passo que procuramos, sempre em conjunto com os demais colaboradores (coordenadora, preceptora e bolsistas), formas de reinventar o contexto escolar e manter a interação (professor-aluno) mesmo remotamente.

Buscamos ao longo das aulas ministradas refletir, analisar e pensar em estratégias que pudessem solucionar, total ou parcialmente, os desafios encontrados no processo de transmissão de conhecimento por nossa parte, enquanto professores em formação, e aprendizagem pelos(as) alunos(as).

Evidentemente, a realidade de ser professor(a) nunca foi, é ou será fácil, a responsabilidade deste profissional é muito grande. O docente é quem de fato compreende a realidade de cada aluno e pode fazer alguma coisa para mudá-la através do seu agir pensado, planejado e reconfigurado para a construção dos conhecimentos. Claro, não se deve, enquanto professor, culpabilizar-se por todas as problemáticas que surgem na sala de aula, mas entender que muita coisa depende de nossas ações e intervenções.

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica, Ensino remoto, Gêneros textuais, Formação docente.

## **AGRADECIMENTOS**

Desejando contribuir para a construção de um mundo melhor, é interessante, enquanto professores, nunca deixarmos de pensar e repensar, configurar e reconfigurar o agir docente mesmo que sejamos gotas no oceano e, muitas vezes, não consigamos almejar aquilo que ansiamos. Pensamos assim graças ao programa Residência Pedagógica e a todos os seus colaboradores, os quais destacamos as professoras Dr<sup>a</sup> Tatiana Fernandes Sant'ana e Dr<sup>a</sup> Ana Cláudia Soares Pinto e outros seis colegas residentes, que nos proporcionaram tal reflexão sobre o quão importante é fazer e refazer e buscar subsídios para levar a educação ao aluno, ainda que ela nem sempre chegue a alguns. Não menos importante, agradecemos também a CAPES, pois sem ela não seria possível a realização deste trabalho.

## **REFERÊNCIAS**

AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. *In*: MACHADO, Anna Rachel (org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. cap. 2, p. 37 - 53.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Escrita e interação. **Ler e escrever**: estratégias de produção. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 32-74.

MACHADO, Anna Rachel. **Trabalho prescrito, planejado e realizado na formação de professores: primeiro olhar**. Belo Horizonte, MG: Scripta, v. 6, 2002.



SERCUNDES, M.M.I. Ensinando a escrever. In: GERALDI, J.W.; CITELLI, B. (orgs.)  
**Aprender e ensinar com textos de alunos.** Vol. 1. São Paulo: Cortez, 1997, p. 75-96.